

CHICO MEMÓRIA



CHICO MEMÓRIA

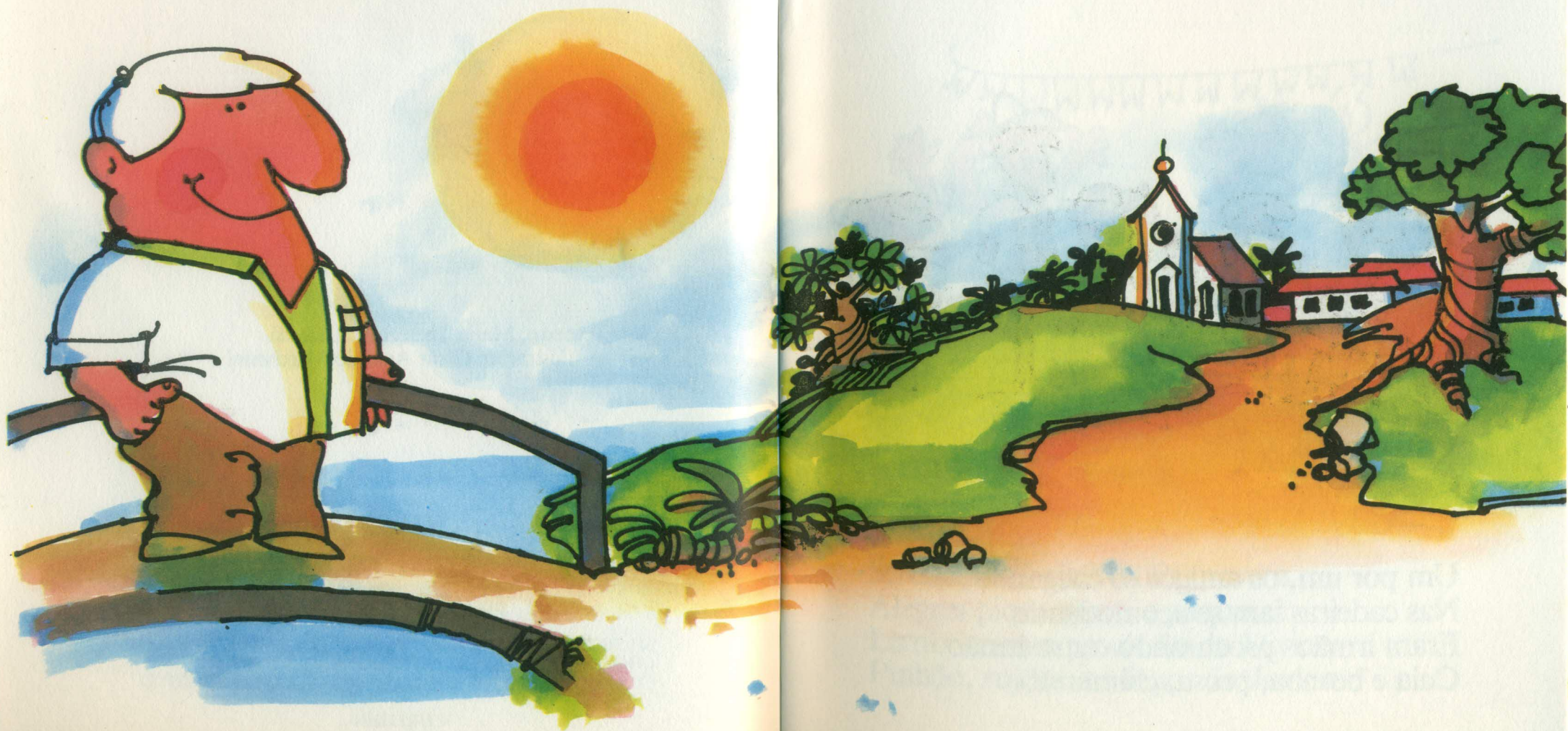
texto: Maria Thereza B. Lacerda
ilustração: Cesar Antonio Marchesini

GOVERNO DO
PARANÁ

SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA E DO ESPORTE
COORDENADORIA DO PATRIMÔNIO CULTURAL
CURADORIA DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO

CURITIBA
dezembro 1983

Na velha cidade, em cima do pico
Morava o boticário Chico
Bom cidadão, crença, filhos, mulher
Trabalho honesto, vida de colher



No fim da tarde, acabada a lida
Lá ia o bom Chico, feliz da vida
Cadeiras na calçada colocar
Alma lavada, a fresca tomar



Um por um, os amigos se chegando
Nas cadeiras iam se acomodando
Eram irmãos procurando outro irmão
Cuia e bomba, prosa, chimarrão

Riam, bricavam, contavam piadas
De política e de papagaiadas
Mas para eles o melhor assunto
Eram suas lembranças, em conjunto



Serenatas e bailes da Primavera
Alegres piqueniques e paqueras
Lembravam a procissão do Divino
Pinhão, rojões, os fogos do Jovino

A sinuca no bar do Baiano
A banda, no coreto, todo o ano
A praça, a avenida principal
Mil outras coisas etcétera e tal



Um dia chegou o compadre Edu
Muito triste e mais que jururu
Anunciando o fim do Grupo Escolar
Que pra eles fora um segundo lar

O velho prédio estava abandonado
E deveria ser, assim, tombado
Era a velha Lei que isto mandava
Conforme o Prefeito anunciava



Enquanto uma grande indignação
Tomava conta da reunião
Chico, calado, ouvia e pensava
Uma resolução ele tomava

Ao amigo Prefeito perguntou
Por que acabar o que o homem criou
E, ainda mais, tudo o que o bom Deus fez,
Que do índio tomou o português



Chico, comovido, se emocionava
A medida que o Prefeito explicava:
“Tombar é num grande livro inscrever
O monumento que se quer manter”

A Lei existia pra garantir
Que os bens do povo não podem ruir
A Escola seria restaurada
Mantida, pintada e conservada



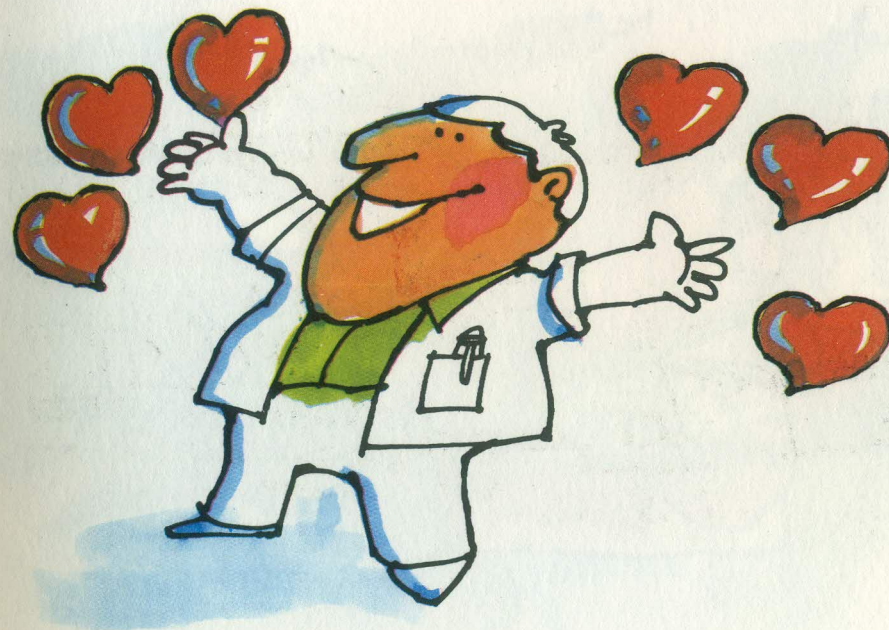
Em vez do Grupo a casa abrigaria
Clube para reunião com muita alegria
Festas e leilões, teatro amador
Palco, cenários e muito esplendor

Quando o velho teatro caiu
Foi porque ninguém tombou, ninguém viu
Se a igreja era conservada
Assim estava só por ser tombada



Chico entendeu quanto estava enganado
Soube que tombar nada tem de errado
A boa nova foi participar
Pr'aqueles que seu chão sabiam amar

A partir daquele revelação
Chico vibrou e abriu seu coração
E tanto e tanto defendeu a História
Que o povo o chamou CHICO MEMÓRIA



Chico, do patrimônio defensor
Protegeu santos, imagens, andor
Cartas de amor e toda a papelada
Que também precisa ser conservada

Fotografias, livros, contratos
Escrituras, papéis, artesanatos
Quadros, coreto, música, dança
Receitas de comida que enche a pança



Montões de cacos, arqueologia
Sambaquis, da História os vigias
Ruínas, cavernas com pinturas
Restos de vilas e outras loucuras

E Chico, vigiando, sempre de graça
Percorreu beco, alameda e praça
Defendeu pássaro, peixe e mata
Fauna, árvore, flor e cascata



Chico levou a família passear
Outras belas cidades visitar
Antonina, Morretes. Percorreu
Em Paranaguá, igrejas e museu

